



**Luciana Paula Santos Nicoletti**



**Como aprender história  
utilizando uma obra literária  
na educação penitenciária?**



**Macapá-AP  
2023**



**Luciana Paula Santos Nicoletti**



## **Como aprender história utilizando uma obra literária na educação penitenciária?**

Produto educacional apresentado  
ao Programa de Pós-Graduação em  
Ensino de História em Rede Nacional,  
ofertado pela Universidade de Federal  
do Amapá/Campus Marco Zero do  
Equador.

Orientadora:  
Profa. Dra Eliane Leal Vasquez.

Linha de pesquisa;  
Saberes históricos no espaço escolar.



**Macapá-AP  
2023**

NICOLETTI, Luciana Paula Santos. Como aprender história utilizando uma obra literária na educação penitenciária? Macapá: UNIFAP, 2023.

Orientadora: Eliane Leal Vasquez.

Produto educacional de Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de História em Rede Nacional, Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2023. 27f.

1. Ensino de história. 2. Educação penitenciária. 3. Sequência didática. 4. Obra literária. 5. Graciliano Ramos.

As fotografias citadas na capa do produto educacional estão armazenadas no Google Drive do Núcleo de Pesquisa História da Ciência e Ensino - (NUPHCE/UNIFAP/CNPq).





UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
COORDENAÇÃO DO MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA



ATA DE BANCA DE DEFESA PÚBLICA

Aos trinta e um dias do mês de maio de 2023, às 19:00 horas, na sala compartilhada pelo Laboratório de Ensino de Matemática da Universidade Federal do Amapá e pelo Núcleo de Pesquisa História da Ciência e Ensino e Laboratório de Matemática - Bloco O, na cidade de Macapá, constituiu-se a banca de defesa pública da mestranda LUCIANA PAULA SANTOS NICOLETTI do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História em Rede Nacional, matrícula no 2020100642, obedecendo ao disposto no Regimento do ProfHistória, formada por Eliane Leal Vasquez - UNIFAP (orientadora), Alexandre Campos - UFCG (examinador externo), Almiro Alves de Abreu - UNIFAP (examinador externo) e Cecília Maria Chaves Brito Bastos - UNIFAP (examinadora interna). O título da dissertação foi "Ensino de História na Escola da Prisão: Sequência didática para o uso de uma obra literária nas aulas de história" e foi transmitida no youtube pelo endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=WJvHRV3JJC>. Após apresentação realizada pela mestranda, cumprindo ao prazo regimental, foi dada a palavra aos examinadores e à examinadora para arguição. A mestranda respondeu às perguntas e, posteriormente, os membros da Banca reuniram-se no Whatsapp para proceder à avaliação e LÚCIANA PAULA SANTOS NICOLETTI foi aprovada (X) / reprovada ( ). Nada mais havendo a tratar, a orientadora encerrou os trabalhos às 21h e foi lavrada a presente ata, sendo assinada pelos membros da Banca.

Macapá, 30 de maio de 2023.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente  
 ELIANE LEAL VASQUEZ  
Data: 31/07/2023 22:41:43 -0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>  
Profª Dra Eliane Leal Vasquez - UNIFAP  
Orientadora

Documento assinado digitalmente  
 ALEXANDRE CAMPOS  
Data: 01/08/2023 11:34:39-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>  
Prof Dr Alexandre Campos - UFCG  
Examinador externo

Documento assinado digitalmente  
 ALMIRO ALVES DE ABREU  
Data: 02/08/2023 13:45:25-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>  
ProfDr Almiro Alves de Abreu - UNIFAP  
Examinador externo

Documento assinado digitalmente  
 CECÍLIA MARIA CHAVES BRITO BASTOS  
Data: 02/08/2023 12:48:44-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>  
Profª Dra Cecília Maria Chaves Brito Bastos - UNIFAP  
Examinadora interna

Rodovia Josmar Chaves Pinto, km 02 - Jardim Marco Zero, Macapá, CEP: 68903-419  
[www.unifap.br/profhistoria](http://www.unifap.br/profhistoria)  
[profhistoria@unifap.br](mailto:profhistoria@unifap.br)

# Tópicos da sequência didática

Apresentação.

Possibilidades de uso da sequência didática.

Conhecendo a obra literária “Memórias do Cárcere” de Graciliano Ramos.

Quem é Graciliano Ramos?.

Fragmento 1 da obra.

Fragmento 2 da obra.

Fragmento 3 da obra.

Fragmento 4 da obra

Fragmento 5 da obra.

Atividade de leitura e pesquisa.

Atividade de leitura e problematização.

Atividade da dinâmica do naufrágio.

Atividade de tematização do contexto da obra.

Atividade de produção de narrativas históricas.

Atividade de prática de liberdade de expressão.

Apêndice A. Plano de Aula para o Ensino Médio.

Comentário ao produto educacional de Luciana Nicoletti.

# Apresentação

Eliane Leal Vasquez

O produto educacional (PE) elaborado por Luciana Paula Santos Nicoletti é resultado de estudo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Ensino de História em Rede Nacional, ofertado pela Universidade Federal do Amapá - PROFHISTÓRIA/UNIFAP.

A sua dissertação foi desenvolvida como parte das ações do projeto de pesquisa “História da Ciência na Formação de Professores: Ensino de História e Saberes Históricos na escola da prisão”, cadastrado no Departamento de Pesquisa sob o nº PVC 1434/2022 - DPQ/UNIFAP.

A partir do ingresso de Luciana Nicoletti no Mestrado Profissional em Ensino de História e na equipe do Núcleo de Pesquisa História da Ciência e Ensino - NUPHCE/UNIFAP/CNPq, ela iniciou os seus estudos sobre História da Educação Penitenciária e Ensino de História, com o fim de construir o suporte teórico da sua pesquisa, analisando trabalhos publicados no século XIX e obras de referências sobre o tema.

Considero importante destacar, que muitos docentes que trabalham na Educação Básica na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil, também tiveram estudantes que eram pessoas adultas e que estavam cumprindo o regime semiaberto da Execução Penal, isto é, eram estudantes de escolas públicas, mas que no final de cada dia da semana, retornavam às prisões.

Registrar aqui sobre uma parte da atuação profissional de Nicoletti é necessário para entender, que o seu produto educacional tem relação com suas memórias docentes e com o desejo de contribuir com o debate acerca da produção de um Recurso Educacional Digital - RED, para uso pelo corpo docente e discente da Escola Estadual São José - EESJ, na capital do Estado do Amapá.

Esta escola pública localiza-se dentro do Instituto de Administração Penitenciária do Amapá - IAPEN, e portanto é um lugar de confinamento carcerário, onde os docentes ofertam os cursos de Ensino Médio e Fundamental pela EJA aos homens que estão presos e que conseguem ter acesso à “assistência educacional”, conforme determina a Lei de Execução Penal e Educacional.

Também, o mesmo grupo de professores, que são servidores públicos do Governo do Estado do Amapá, vinculados à Secretaria de Estado da Educação - SEED, trabalham com as mulheres que estão custodiadas na Coordenadoria da Penitenciária Feminina - COPEF, que fica próxima ao IAPEN.

O RED foi produzido para uso pelos professores de História, que trabalham no Ensino Médio/EJA. Quiçá, que o mais breve, o mesmo possa ser levado às salas de aulas dentro das prisões e fomenta o ensino de História, para que corpo docente e discente compartilhem saberes, experiências humanas, e aprendizagens relativas à formação escolar em uma área de Educação Brasileira, que ainda não foi reconhecida na legislação: a Educação Penitenciária.

Recomendo o uso deste RED na EESJ, porque o diálogo interdisciplinar é necessário e bem vindo no ensino, na pesquisa e extensão universitária.

## Possibilidades de usos da sequência didática

- Fazer a leitura individual ou coletiva dos fragmentos de *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos;
- Pesquisar os significados de palavras em dicionários e contexto histórico da obra;
- Conhecer aspectos da biografia do autor;
- Investigar que tipo de obra é *Memórias do Cárcere*;
- Organizar um glossário do tema apresentado na sequência didática, em seu caderno;
- Identificar palavras que são citadas nos cinco fragmentos da obra e anotar no seu caderno;
- Refletir sobre quando e por quê a obra foi escrita e responder no seu caderno;
- Perguntar sobre os fatos históricos citados na obra literária;
- Extrair do texto o pensamento do autor e/ou dos personagens em relação à sociedade brasileira;
- Relacionar o pensamento do autor e dos personagens da obra, ao momento histórico em que a obra foi escrita;
- Sintetizar por escrito e oralmente as informações históricas apreendidas sobre os fragmentos da obra literária estudada;
- Utilização da sequência didática como fonte para pesquisa em ensino de história, na execução de projetos de extensão universitária, projetos de leitura em prisões, etc.



## Conhecendo a obra literária “Memórias do Cárcere” de Graciliano Ramos

A obra “Memórias do Cárcere” é uma autobiografia do autor brasileiro Graciliano Ramos e a sua primeira edição foi publicada em 1953, após sua morte. Ele escreveu sobre os dez meses em que esteve preso, por suas convicções políticas em 1936. Os fatos aconteceram em meio às agitações que antecederam a ditadura no Brasil e durante o governo de Getúlio Vargas (1937-1945).

A obra é constituída de quatro partes: Viagens; Pavilhão dos primários; Colônia Correccional; e Casa de Correção, apresentando uma visão da realidade do país e da situação dos presos na década de 1930, além de apresentar significados e sentidos acerca da vida no cárcere.

No artigo de Joselaine Brondani Medeiros (2005, s.p), a autora explica;

*O autor-narrador Graciliano Ramos é um prisioneiro, que sente na pele o horror e a incivilidade do cárcere. E, ao relatar esse evento, ele não poupa críticas ao sistema vigente, que avilta e inferioriza o ser humano, não compartilhando e, sobretudo, rechaçando o discurso preconizado pela elite. A ditadura e o governo são totalmente desmascarados na obra, e as lacunas vendadas pela História tornam-se conhecidas [...].*

Portanto, em “Memórias do Cárcere”, Graciliano Ramos denuncia a opressão política e o tratamento aos homens presos no Brasil. Ele escreveu sobre as suas memórias, o cotidiano e os sentimentos vividos na prisão, não só por ele, mas por outras pessoas que estavam presas e que presenciaram a sua experiência de encarceramento.

## Quem é Graciliano Ramos?

Com base em Fenske (2013), texto que foi publicado no website (<http://www.elfikurten.com.br/2013/07/graciliano-ramos.html>), extraímos o seguinte trecho que apresenta informações sobre aspectos da biografia do autor brasileiro:

*(Quebrangulo AL 1892-Rio de Janeiro RJ, 1953). Romancista, contista e cronista. Primogênito de 16 irmãos, filho do comerciante Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ramos. Com 13 anos, vai estudar no Colégio 15 de Março, em Maceió. Inicia, em 1906, a colaboração com o jornal O Malho, do Rio de Janeiro, publicando alguns de seus sonetos. Três anos depois, passa a escrever regularmente no Jornal de Alagoas, de Maceió.*

*Muda-se para Palmeirados Índios, no interior do estado, em 1910, sem contudo interromper a colaboração nos jornais da capital alagoana. No ano de 1914, transfere-se para o Rio de Janeiro, onde trabalha como revisor de vários jornais, mas volta às pressas para Palmeira dos Índios no ano seguinte, devido à morte de três irmãos e um sobrinho, vitimados pela peste bubônica. Casa-se com Maria Augusta Ramos, com quem tem quatro filhos (ela morre em 1920, por complicações no parto).*

*Assume, em 1917, a loja de tecidos Serena e, em 1925, começa a escrever o romance Caetés. É eleito prefeito da cidade em 1927. No ano seguinte casa-se com Heloísa Leite de Medeiros - o primeiro filho do casal é o também escritor Ricardo Ramos (1929 - 1992). Em 1929, envia ao governador de Alagoas um relatório de prestação de contas do município, que acaba nas mãos do poeta e editor Augusto Frederico Schmidt (1906 - 1965), que, entusiasmado com a qualidade literária, procura o escritor.*

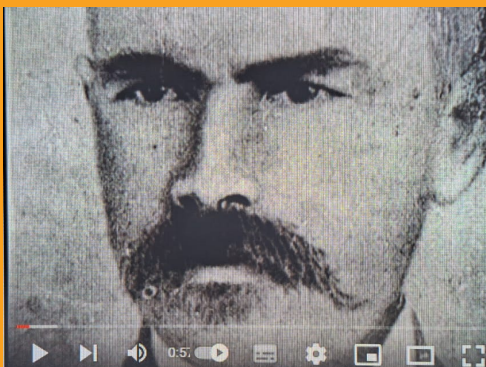
*Volta a colaborar no Jornal de Alagoas, em 1930, renuncia assim ao mandato de prefeito e muda-se para Maceió, onde assume o cargo de diretor da Imprensa Oficial, do qual se demite no ano seguinte. É nomeado em 1933, diretor da Instrução Pública de Alagoas e torna-se redator do Jornal de Alagoas. No mesmo ano, estreia na literatura com a publicação de seu primeiro romance, Caetés, pela editora de Schmidt. Acusado de ligações com o Partido Comunista Brasileiro (PCB), é preso e enviado para o Rio de Janeiro, cumprindo pena de 1936 a 1937.*

*É nomeado inspetor federal de ensino secundário no Rio de Janeiro em 1939, e seis anos depois filiou-se ao PCB, a convite do líder e secretário-geral do partido, Luís Carlos Prestes (1898 - 1990). Em Buenos Aires, é operado sem sucesso e retorna gravemente doente para o Rio de Janeiro, onde morre de câncer de pulmão, em 1953 [...].*

**Fonte:** (Fenske, 2013).

Para saber mais, assistiremos um documentário, que foi publicado no Youtube:

### Documentário sobre Graciliano Ramos



**Fonte:** (Mandala Filmes, 2012).



## Fragmento I da obra

*Resolvo-me a contar. Depois de muita hesitação, casos passados há dez anos [...]. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. Além disso, julgando a matéria superior às minhas forças, esperei que outros mais aptos se ocupassem dela [...] também me afligiu a ideia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil. Repugnava-me deformá-las, dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance, mas teria eu o direito de utilizá-las em história presumidamente verdadeira? Que diriam elas se vissem impressas, realizando atos esquecidos, repetindo palavras contestáveis e obliteradas? Restar-me-ia alegar que o DIP, a polícia, enfim os hábitos de um decênio de arrocho, me impediram o trabalho. Isto porém seria injustiça. Nunca tivemos censura prévia em obras de arte. Efetivamente se queimaram alguns livros, mas foram raríssimos esses autos de fé. Em geral a reação se limitou a suprimir ataques diretos, palavras de ordem, tiradas demagógicas, e disso escasso prejuízo veio, para a produção literária. Certos escritores se desculparam de não haverem forjado coisas excelentes por falta de liberdade - talvez ingênuo recurso de justificar inépcia ou preguiça. Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a delegacia de ordem política e social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer. Não será impossível acharmos nas livrarias libelos terríveis contra a república [...]. Não caluniemos o nosso pequeno fascismo tupinambá: se o fizermos, perderemos qualquer vestígio de autoridade [...].*

Fonte: (Ramos, 2018, p. 11 e 12).



## Fragmento 2 da obra

*[...] No começo de 1936, funcionário na instrução pública de Alagoas, tive a notícia de que misteriosos telefonemas, com veladas ameaças, me procuravam o endereço. Desprezei as ameaças: ordinariamente o indivíduo que tenciona ofender outro não o avisa. Mas os telefonemas continuaram. Mandei responder que me achava na repartição diariamente, das nove horas ao meio-dia, das duas à cinco da tarde. Não era o que pretendiam. Nada de requerimentos: queria visitar-me em casa. Pedi que não me transmitissem mais essas tolices, com certeza picuinhas de algum inimigo débil, e esqueci-as: nem um minuto supus que eram de cunho oficial. Algum tempo depois um amigo me procurou com a delicada tarefa de anunciar-me [...] que a minha permanência na administração se tornara impossível. Não me surpreendi [...]. Ocasionara descontentamentos, decerto cometera numerosos erros, não tivera a habilidade necessária de prestar serviços a figurões, havia suprimido nas escolas o hino de Alagoas, uma estupidez com solecismos, e isto se considerava impatrióticos [...].*

*O essencial era retirar-me de Alagoas e nunca mais voltar, esquecer tudo, coisas, fatos e pessoas. Alagoas não me fizera mal nenhum, mas, responsabilizando-a pelos meus desastres, devo ter-me involuntariamente considerado autor de qualquer obra de vulto, não reconhecia [...] Não me lembrava das pessoas. Osman, dr. Sidrônimo e Luccarini eram sujeitos decentes. Mas a engrenagem onde havíamos entrado nos sujava. Tudo uma porcaria. Tolice reconhecer que a professora rural, doente e mulata, merecia ser trazida para a cidade e dirigir um grupo escolar:*

*fazendo isso, dávamos um salto perigoso,descontentávamos incapacidades abundantes. Essas incapacidades deviam aproveitar-se de qualquer modo, cantando hinos idiotas, emburrando as crianças. O emburramento era necessário. Sem ele, como se poderiam aguentar políticos safados e generais analfabetos? Necessário reconhecer que a professora mulata não havia sido transferida e elevada por mim; fora transferida por uma ideia, pela ideia de aproveitar elementos dignos, mais ou menos capazes [...]*”

**Fonte:** (Ramos, 2018, p. 17, 20 e 21).



## Fragmento 3 da obra

[...] A minha situação nem melhorava, nem piorava. Ausência de processo, nenhuma testemunha; adiava-se, provavelmente não se realizava o interrogatório longamente esperado. Minha mulher andava pelas repartições, a inquirir debalde; em falta de esclarecimentos, enviavam-na de um lugar para outro. Não se descobriam sinais de crimes, mas pelo jeito eles deveriam existir em qualquer parte; conservar-me-ia longe do mundo até que aparecessem. Essa releve inocência provisória de nenhum modo me satisfazia. No Pavilhão achava-se inútil, olhado com indiferença, talvez com algum desprezo. Recusara-me a fazer uma conferência [...]. A ordem pública julgava-me inofensivo, tanto que nem me afligia com perguntas, mas não revelava o intuito de mandar-me embora [...]. Não iria lamentar-me, por ser de índole avessa a queixas e por enxergar no caso uma relativa justiça. Inimigos em chusma atacavam a sociedade, éramos cupim no edifício burguês e aplicavam-nos inseticida. A nossa prisão constituía evidências de numerosas ameaças à ordem, atribuíam-nos força e simulavam combater-nos; na verdade esmagavam-nos. Se nos soltassem, [...] o proprietário se indignaria vendo que o tinham alarmado sem motivo. Despojava-me de ilusões, resignava-me a encolher-me nos bastidores, comparsa anônimo e feroz, na opinião da plateia excitada (...). Um mês antes, de passagem pelo Rio, padre José Leite perdera alguns dias procurando avistar-se comigo; tentara vencer a resistência da autoridade jurando que eu não era comunista. Essa imprudência me comoveu e assustou [...].

**Fonte:** (Ramos, 2018, p. 274-275).



## Fragmento 4 da obra

*[...] As visitas de minha mulher durante algum tempo quebraram a monotonia da prisão e ligaram-me com inesperados laços do exterior. Uma vez por semana trinta minutos nos aproximavam na secretaria. Separados nos bancos, tentando esconder-se em vão, casais segredavam. [...] As mulheres funcionavam como agente de ligação e traziam notícias minuciosas, levavam relatórios, cartas, recados. Naquela meia hora realizava-se uma prestação de contas, liquidavam-se tarefas, surgiram outras, das ninharias individuais à arrojadas combinações políticas. Na cidade estirava-se uma cadeia invisível, da oficina ao quartel e ao congresso. Engenheiros, médicos, advogados, oficiais do exército, conspiradores antigos de alguma forma compreendidos, relacionavam-se com o nosso organismo secreto, recebiam incumbências, avançavam no desempenho delas, sem arriscar-se muito. De tempo a tempos uma delação, mensagens duvidosas, bilhete em cifra - e um desses era agarrado, vinha mofar conosco, à sombra. [...] A bolsa das mulheres se pejavam. O trabalho invariável das células, o fruto das longas discussões subterrâneas, redigidas com vagar, cada palavra ruminada ali desaguava, ia lá fora distribuir-se. Revistas improvisadas interceptavam frações da arriscada e numerosa correspondência; grande parte dissimulava-se nos vestidos, submergia-se na roupa íntima e escapava.*



*Na rua as incansáveis intermediárias, fugindo à perseguição dos investigadores quelhes farejavam pistas,desdobravam-se ativas; iam para aqui, para ali, viravam esquinas, subiam e desciam elevadores, entravam em ônibus, saltavam, metiam-se em bondes, novamente mudavam, ingeriam-se nos cinemas, achavam-se sempre um meio de entrar por uma porta e sair por outra. Chegando a casa, podiam examiná-la com rigor as fêmeas da polícia infiltradas no serviço secreto: os papéis tinham levado sumiço em vão de portas,escadas, apartamentos, consultórios [...].*

**Fonte:** (Ramos, 2018, p. 272-273).



## Fragmento 5 da obra

*[...] Logo ao chegar, notei que me despersonalizavam. O oficial de dia recebera-me calado. E a sentinela estava ali encostada ao fuzil, em mecânica chateação, como se não visse ninguém [...].*

*A 6 de março, porém, íamos entrando na rotina- e daí em diante não me seria possível redigir uma narração continuada. Menciono a visita do comandante porque ela se tornou um hábito; pela manhã, antes de qualquer outra pessoa, estive de pé um instante na sala, grave, digno, informou-me a respeito das nossas necessidades e de novo se referiu á comida má. [...] Quando ele saiu, chegou o capitão Lobo, como sempre aconteceu enquanto ali permanecemos, e renovou o passeio da mesa para a janela, da janela para a mesa, a discutir, a pegar-me uma palavra e alargá-la, à vezes e ameaçar-me com longa piteira. Foi nesse segundo encontro, suponho que me disse umas coisas duvidosas.*

*- Respeito as suas ideias. Não concordo com elas, mas respeitadas. Olhei-o desconfiado e logo serenei. Tinha me comprometido em excesso durante largos anos e nada valia tentar desdizer-me, ainda que tivesse esse desejo. Desagradava-me pensar que aquele homem vinha falar-me com intuito de extorquir uma confissão, mas desviei o pensamento malévolo. A sinceridade transparecia no rosto. Claro, no olhar um tanto vesgo, que se cravava na gente como prego [...].*

*- Quais são as minhas ideias? Sorri. Ainda não me expliquei. Estamos a comentar as suas.*

*- Ora, ora, ora! Resmungou o capitão num tom indefinível. E nada acrescentou. Escusavam-se explicações. A minha estada ali marcava-me. Sem alegar motivos emprestavam-me certo número de qualidades e tendências [...]*

**Fonte:** (Ramos, 2018, p. 272-273).



## Atividade de leitura e pesquisa

Retire palavras dos fragmentos estudados de “Memórias do Cárcere” de Graciliano Ramos (2018), que você não conhece. Em seguida, pesquise os significados dessas palavras no dicionário na aula de história. Depois, escreva no seu caderno e comente com seu professor ou professora e demais estudantes do ensino médio da sua turma o que você entendeu.



### Respostas:





## Atividade de leitura e problematização

As cinco perguntas a seguir, deverão ser respondidas no seu caderno e cada grupo de estudo irá ler as respostas aos demais grupo durante a aula de história. O debate no final, será coordenado pelo seu professor ou professora para verificar se todos chegaram a mesma conclusão ou se há respostas diferentes e por quê?

1- Do que trata “Memórias do Cárcere” de Graciliano Ramos (2018)?

2- Que lugares são citados no livro e como são descritos?

3- Os lugares descritos no texto são fictícios ou reais?

Justifique.

4- Em qual período da história do Brasil, o livro foi escrito?

5- Quem foi o autor de “Memórias do Cárcere”, de acordo com as informações contidas no “Documentário sobre Graciliano Ramos”?

**Respostas:**



## Atividade da Dinâmica do Naufrágio



O professor ou a professora irá separar folhas de papel A4, conforme a quantidade de grupos de estudos que deseja formar na aula de história. Em cada uma delas, escreverá as seguintes palavras: **Paciência, Resistência, Coragem, Força e Inteligência**.

Também, desenhará um barco no quadro e colocará as folhas de papel A4 (já escritas) no chão, separado-as umas das outras. Nesse momento, deve solicitar que estudantes fiquem de pé e apresentará uma situação hipotética: “O barco está afundando com todos os estudantes da Escola Estadual São José dentro e que cada pessoa precisará escolher uma maneira para sobreviver à tragédia”.

O professor ou professora escolherá uma música e pedirá que os estudantes andem aleatoriamente pela sala de aula e que, ao parar a música, cada estudante deverá escolher uma das palavras dispostas no chão. Recomenda-se aos estudantes escolherem a palavra, que considerarem importantes para usar como meio de sobrevivência.

A música deverá tocar por três minutos. Ao parar a música, o professor ou a professora observará a organização dos grupos. Se não houver equipes com a mesma quantidade de pessoas, caso ainda tenha folhas de papel A4 no chão, os estudantes deverão pegar as últimas folhas para participar de um grupo.

Em seguida, cinco estudantes, um de cada equipe irá explicar porque escolheu aquela folha de papel A4, o que possibilitará que falem e pratiquem a liberdade de expressão durante a aula de história, bem como comentem o que sentiram ao participar da dinâmica do naufrágio.

**Fonte:** (Adaptado de Vicente, 2022).



## Atividade de tematização do contexto da obra

Leia as cinco perguntas e respondam em seu grupo, o que vocês entenderam sobre os fragmentos do livro “Memórias do Cárcere” de Graciliano Ramos (2018) e aproveitem para trocar informações com seus colegas dos grupos. No final, cada estudante deverá anotar as respostas no seu caderno.

1- Quais fatos históricos foram mencionados no fragmentos do livro e como são descritos?



2- É possível identificar aspectos políticos, e econômicos, sociais e culturais da História do Brasil nos fragmentos da obra? Se sim, quais?

3- Com base nos fragmentos do livro, quais semelhanças você percebe em relação à comunidade carcerária, com a qual vive durante o encarceramento?

4- Ainda, considerando os fragmentos do livro, quais diferenças você percebe em relação à realidade carcerária da penitenciária em que você está preso?

5- Na sua interpretação, qual o problema central de “Memórias do Cárcere” de Graciliano Ramos?

**Respostas:**





## Atividade de produção de narrativas históricas

A pergunta a seguir, deverá ser respondidas no seu caderno e cada grupo de estudo irá ler as respostas aos demais grupo na aula de história. Mas além das informações e fatos históricos citados nos fragmentos do livro “Memórias do Cárcere” de Graciliano Ramos (2018), leia duas definições de “fontes históricas”:

### Definição 1:

*As fontes históricas não são neutras. Escritores selecionam, enquadram, omitem alguns elementos e destacam outros, seguem demandas do presente. Um texto literário é escrito para passar uma dada representação e expressa relações sociais, políticas, culturais ideológicas. Para entendê-las é sempre necessário compreender o contexto: por quem e por que foram produzidas [...] (Ferreira; Franco, 2013, p. 150).*

### Definição 2:

*Os documentos são a fonte principal do ofício do historiador que explora seu conteúdo, porém adverte que é o problema (perguntas) colocado pelo historiador que podem identificar uma fonte histórica (Bittencourt, 2004, p. 328).*

1- A obra “Memórias do Cárcere” de Graciliano Ramos, pode ser ou não uma fonte histórica, que auxilia na compreensão da história das prisões no Brasil? Justifique.

### Respostas:





## Atividade de prática da liberdade de expressão

Escreva um texto de uma página, falando a sua experiência como estudante da Escola Estadual São José, e que tem acesso à educação básica dentro da penitenciária na cidade de Macapá. Depois, com o auxílio do professor ou da professora de história, a turma do ensino médio irá organizar um painel com os relatos da vida escolar no cárcere.





## Apêndice A. Plano de Aula para o Ensino Médio



Escola pública:	Escola Estadual São José	
Curso:	Ensino Médio	
Disciplina:	História	
Turma:	Segunda etapa da EJA	
Unidade Temática:	O nascimento da República no Brasil e os processos históricos até a metade do século XX	
Objeto de conhecimento	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	
Tema da aula:	Como aprender História utilizando uma obra literária na educação penitenciária?	

Objetivos:	<p>*Objetivo geral: Analisar cinco fragmentos da obra literária Memórias do Cárcere de Graciliano Ramos (2018) como uma fonte histórica, por meio da pesquisa, problematização e tematização em sala de aula.</p> <p>*Objetivos específicos: Problematizar a obra literária, o autor e ao seu contexto de produção; Descrever aspectos do cotidiano carcerário dos estudantes, por meio de relatos escritos na atividade de prática da liberdade de expressão.</p>
Quantidade de aulas:	8 aulas
Método de ensino:	Método de Paulo Freire, que envolve as etapas de investigação, tematização e problematização, adaptado ao ensino de história
Recurso didático:	<p>Para o corpo docente: A sequência didática de Nicoletti (2023), notebook, celular, roteador de Wifi, quadro magnético, projetor de slides, resma de papel A4 e pincéis;</p> <p>Para o corpo discente: fotocópias da sequência didática, cadernos, canetas ou lápis.</p>

<p>Avaliação:</p>	<p>Leitura dos cinco fragmentos da obra e apresentação individual de ideias e respostas às perguntas da SD nos cadernos dos estudantes; Resolução de atividades e socialização de ideias em sala de aula; Produção de texto sobre as experiências da vida escolar e relacionadas ao viver na prisão.</p>
<p>Bibliografia:</p>	<p>Bittencourt, C. M. F. Ensino de História: Fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2004. Fenske, Elfi Kürten. Graciliano Ramos - memória e a geografia do drama humano. Templo Cultural Delfos, 2013. Disponível em: <a href="http://www.elfikurten.com.br/2013/07/graciliano-ramos.html">http://www.elfikurten.com.br/2013/07/graciliano-ramos.html</a>, Acesso: 02 Fev. 2022. Ferreira, M. M.; Franco, R. Aprendendo História: Reflexão e ensino. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013. Freire, P. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessário à prática educativa. 70.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. Freire, P. Educação como Prática da Liberdade. 53.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022. Mandala Filmes. Documentário sobre Graciliano Ramos, 2012. Disponível em: <a href="http://www.youtube.com/watch?v=JlqbVfhydz0&amp;t=29s">http://www.youtube.com/watch?v=JlqbVfhydz0&amp;t=29s</a>, Acesso: 02 Fev. 2022. Medeiros, J. B. Memórias do Cárcere: Uma possibilidade de releitura da história. Literatura e Autoritarismo, Santa Maria, n. 5, Jan.-Jun. 2005. Ramos, G. Memórias do Cárcere. 50.ed. Rio de Janeiro: Record, 2018. Vicente, P. Salvando-se do Naufrágio. disponível em <a href="http://pt.scrib.com">http://pt.scrib.com</a>, Acesso: 02 Fev. 2022. Zabala, A. A Prática Educativa: Como ensinar. Trad. Ernani da F. da F Rosa. Porto Alegre: Artmed, 1998.</p>

Os avanços para uma educação inclusiva são hoje perceptíveis e, portanto, inegáveis. Parte desses avanços se deve ao modelo de Estado desenhado na Constituição de 1988 e, principalmente, ao modelo de educação preconizado pela Lei 9394/96 no Brasil. Além disso, outras leis e resoluções foram aprovadas que tratam da diversidade racial, étnica, religiosa e da oferta da educação básica para as pessoas privadas de liberdade.

Em pouco tempo, essas exigências legais passaram a fazer parte da realidade escolar, tanto da formação inicial de professores nas Instituições de Ensino Superior, quanto nas escolas por orientação das Secretarias de Educação. No âmbito acadêmico, abriu-se espaço para pesquisas, projetos de extensão universitária e desenvolvimento de materiais didáticos para Educação de Adultos em prisões. Em outras palavras, possibilitou a aproximação entre aspectos formativos teóricos e reais na formação inicial de professores.

Ainda que tais avanços sejam inegáveis, uma população específica parece ter ficado à margem dessas discussões: a população carcerária. Talvez, essa escassez de debate se dê por nossa própria formação acadêmica e por nossos medos. Quem dos profissionais da educação, teve formação adequada para trabalhar ou formar professores que iriam atuar com a população carcerária? Quem conhece materiais didáticos adequados para trabalhar com esta população? Quem já realizou pesquisa sobre os conhecimentos próprios desenvolvidos no ambiente prisional pelos sujeitos que ali estão? Essas perguntas não fazem parte de uma disciplina específica do ensino superior, mas deveriam ser tratadas em Cursos de Licenciaturas.

É neste sentido que o trabalho de Nicoletti se coloca. A autora planejou e escreveu um produto educacional para uso no ambiente prisional, voltado ao ensino de História. Diferentemente de livros tradicionais, o seu produto tem a intenção de levar a população carcerária à reflexão de sua própria condição de encarceramento e experiências de vida. Para isso, a autora valeu-se de recortes da obra *Memórias do Cárcere* de Graciliano Ramos (2018) para criar uma sequência didática. Embora tenha sido desenvolvida para a disciplina de História, ela tem potencial para uso em outras disciplinas da Educação Básica (língua portuguesa, sociologia, geografia, filosofia) e até mesmo para disciplinas da Educação Superior numa perspectiva transdisciplinar.

Trata-se, portanto, de um produto educacional que vem ao encontro de uma demanda que os professores e as professoras necessitam abraçar. A elaboração de materiais didáticos destinados à população carcerária precisa deixar de ser exceção nas pesquisas e tornar-se frequente o seu desenvolvimento no ensino superior, e na medida do possível garantir o seu acesso ao público interessado na internet.

A sequência didática produzida pela autora, leva-nos a refletir que há bastante demanda para realizar pesquisas em diferentes frentes educativas com e para as pessoas privadas de liberdade. Além disso, os projetos de extensão precisam fazer parte, de maneira mais assertiva, da formação inicial e continuada de professores nas universidades.

Este público da Educação de Adultos carece de maior visibilidade pelos gestores da Educação e Execução Penal. Por ora, ensejamos que a sequência didática de Nicoletti (2023), seja aplicada no ensino de História, para que estudantes e docentes compartilhem saberes, memórias e experiências humanas nas prisões e escolas.